



DOSSIÊ: A HERANÇA DA REFORMA: POR UMA LEITURA DA REFORMA  
L'EREDITÀ DELLA RIFORMA: PER UNA LETTURA DELLA RIFORMA

## A PERICÓRESE TRINITÁRIA NO PENSAMENTO DE JOÃO DAMASCENO

THE PERICHORESIS TRINITARIAN IN THE THOUGHT OF JOHN  
DAMASCENE

*Maria Freire da Silva\**

### RESUMO

A fé cristã reconhece sua peculiar identidade na doutrina da encarnação e da Santíssima Trindade. No entanto, a doutrina trinitária se depara com notáveis dificuldades referentes tanto em sua compreensão quanto em sua elaboração. No percurso teológico histórico houve uma busca incansável para se chegar à elaboração de uma linguagem mais próxima daquilo que a Revelação mostrou de Deus e sua relevância na história: a articulação entre o conceito de Deus que é trino, sem com isso afetar a essência monoteísta da fé cristã, seguida de outra problemática, que é a de prescrever a Deus como é estruturada a via intra-trinitária, a partir de um determinado conceito de pessoa. O termo *pericórese* emerge na Teologia Patrística, pondo em relevo a articulação entre unidade e comunhão da Trindade. Portanto, é objetivo deste texto estudar sobre o termo *pericórese* no pensamento de João Damasceno e como permanece como fio condutor histórico no pensar teológico de J. Moltmann e L. Boff.

**Palavras chaves:** Pericórese trinitária; comunhão; Trindade; unidade; linguagem

### ABSTRACT

The Christian faith recognizes its unique identity in the doctrine of the Incarnation and the Trinity Holy. However, the Trinitarian doctrine faces big difficulties in its understanding and in its development. In the historical theological way there was a tireless seek in order to reach an approach linguistic able to describe what the Revelation showed about God and his relevance in the history: the relationship between the concept of God which is triune, without thereby affecting the monotheistic essence of Christian faith, then another problem, that is to prescribe God such as was prescribed the via intra-

---

\* Doutora em Teologia Dogmática pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, Itália. Professora da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Chefe do Departamento de Teologia Sistemática, São Paulo/Brasil. E-mail: [freiremaria3@yahoo.com.br](mailto:freiremaria3@yahoo.com.br).

Trinitarian, from a determined concept of person. The term perichoresis emerges in the Patristic Theology, putting in relevance the relationship between unity and communion of the Trinity. Therefore, the aim of this text is to study about the *perichoresis* term in the thought of John Damascene and show how it remains as conductor line historical in theological thinking.

**Key words:** perichoresis Trinitarian; communion; Trinity; unity; language

## INTRODUÇÃO

Na longa busca para se chegar ao termo *Pericórese*, como aquele que melhor define a comunhão e a interpenetração de vida na comunidade trinitária, houve muitas variações e más interpretações, até mesmo alheias à Teologia. No século III, os gregos usavam a palavra *prósopon* para significar o que em Deus é três: Pai e Filho e Espírito Santo, diferentes, concretos e objetivos. O Deus dos cristãos são três *prósopa*. Tertuliano traduz *prósopon* para o termo latino *persona*. Com isso quer dizer que, em Deus, há três realidades concretas, distintas, objetivas: Pai, Filho e Espírito Santo; três individualidades objetivas (PRESTIGE, 1997, p. 281).

No final do século III, os gregos tiveram que abandonar o termo *prósopon* porque este passou a ser usado pelos modalistas, que afirmavam que Deus, um e único, se manifestou mediante três pseudônimos, caras ou máscaras: enquanto Filho e enquanto Espírito Santo. Para evitar que essa forma desse margem a ambiguidades e à heresia, destruindo, assim, a compreensão trinitária, os gregos substituíram *prósopon* por *hipóstasis*, pois este termo, além de expressar a unidade em Deus, podia significar também uma realidade objetiva e “subsistente” em oposição a uma realidade inconsistente.

Orígenes é quem emprega, pela primeira vez, a palavra *hipóstasis* para expressar as três Pessoas da Trindade (AUER, 1998, p.325-329). No século IV, com os Padres capadócijs, se desenvolve melhor a reflexão sobre as relações entre as três Pessoas divinas. Trata-se de três grandes teólogos da Capadócia (Ásia Menor); São Basílio Magno (330-379), seu irmão de sangue, Gregório de Nissa (+349) e o amigo deles, Gregório Nazianzeno (329-390) (BOFF, 1987, p.75).

O contexto teológico no qual estavam inseridos era formado de idéias confusas no que se referia ao mistério trinitário. De um lado, o sabelianismo que, amparando-se em suas concepções filosóficas, reduzia o mistério da Trindade à única pessoa do Pai. Desfigurava, assim, totalmente a revelação divina da Trindade. De outro lado, os eunomianos davam asas à imaginação e propunham a existência de três substâncias distintas e independentes: três deuses.

Defendiam o politeísmo frente à imagem do mistério do amor trinitário de Deus (PRESTIGE, 1997, p.281).

## 1. O DEUS RELACIONAL DOS CAPADÓCIOS

Os Capadócijs partem da reflexão sobre as três pessoas divinas, como primeira realidade. Para eles, as Pessoas significam a existência singular, concreta e individual. Assim sendo, o que lhes permite superar o triteísmo é a consideração da peculiaridade de cada Pessoa, peculiaridade esta sempre definida em relação às outras pessoas, a começar pelo Pai, fonte e origem de toda divindade (BOFF, 1987).

Basílio de Cesaréia(330-379) “se deu conta de que não poucas flutuações doutrinárias tinham sua origem em uma inexata formulação devida à escassez de linguagem para expressar o dito mistério. Confundia-se a palavra *ousia* com a palavra *hipóstasis*. Desta maneira, a confusão dava lugar a uma compreensão do mistério da Trindade, obscurecendo a fé no mesmo (VERGES, p.127-128). No intuito de buscar uma formulação que expressasse com maior exatidão a compreensão de Deus como Trindade, Basílio classificou a expressão da fé, sobre o mistério trinitário, codificando a expressão seguinte: “*Mia Ousia*” e *treis hipóstasis*”. Basílio oferece uma distinção entre *ousia* e *hipostasis* na Trindade. A *ousia* indica o que é comum e único às três pessoas, natureza e substância. A *hipóstasis* constitui a particularidade que constituem cada pessoa da Trindade.

Para Basílio, a Santíssima Trindade é composta por três hipóstases que são consubstanciais, ou seja, da mesma substância, que é considerada divina. O objetivo de Basílio era contrapor-se a denominada heresia de Ário e edificar as Igrejas em uma só doutrina, onde o Filho é reconhecido como consubstancial ao Pai, e ao Espírito Santo, fruindo das mesmas honras, é glorificado e adorado conjuntamente! (Basílio de Cesareia, 372). Basílio, a partir da fórmula de Mt 28, 19, afirmou que a comunicação dos Três no batismo manifesta o Espírito Santo na união com o Pai e o Filho na mesma dignidade de louvor.

Há em Deus, segundo ele, uma só essência e três pessoas. Queria confirmar, assim, a unidade de Deus, através da palavra *Ousia* e sua tripersonalidade na palavra *hipóstasis*. A essência divina que pertence ao mesmo ser de Deus é compartilhado pelo Pai e pelo Filho e pelo Espírito Santo. A *hipóstasis*, segundo sua concepção, se refere à maneira peculiar de ser de cada uma das divinas pessoas (MORESCHINI, 2008, p. 249).

A grande contribuição basílica é determinar o específico da personalidade do Espírito Santo na Trindade, Basílio traçava as primeiras linhas seguras sobre a relação pessoal do mesmo Espírito com respeito ao homem. Ficava formulado, pois, o dito mistério na unidade divina e na tríplice relação interpessoal de Deus. Não era possível falar de auto-comunicação pessoal do Espírito Santo sem assentar, antes, a intimidade pessoal do mesmo Espírito na comunidade divina (SILVA,1996, p.19-38).

No Sínodo de Alexandria, em 362, presidido por Santo Atanásio, se consagrou como legítima a fórmula três *hipóstasis*. Em 382, os bispos que estiveram presentes no Concílio de Constantinopla I(381), enviaram uma profissão de fé ao Papa Damaso, explicitando substância(Ousía) do Pai e do Filho e do Espírito Santo, a dignidade igual e o império coeterno em três perfeitas *hipóstasis*, isto é , em três perfeitas pessoas(*prosopa*) (BOFF, 1987, p.84-85).

No século VI, quando o pensamento teológico se encontrava em sua fase abstrata e quando, na visão que se tinha da Trindade, três “hipóstasis” eram os únicos elementos fortemente ancorados a objetos concretos, surgiu uma verdadeira e própria explosão do triteísmo, com João Filópono, o mais hábil líder dos triteístas. Filópono propôs uma doutrina baseada nos ensinamentos de Cirilo. Sua doutrina representava a intenção de chegar ao concreto. Afirmava que a *physis* é uma abstração e, como tal, não tem existência real. Só existe enquanto incorporada numa *physis* particular; isto é, em uma realidade concreta(SILVA,1996).

Diante disso, e das inúmeras dificuldades e teorias, houve, por parte do Pseudo Cirilo, um desejo de devolver à Teologia, a verdadeira e concreta doutrina da idêntica *ousia* e adotar um termo que expressasse a recíproca compenetração das três pessoas de uma na outra. “Este termo era *Pericórese* ou em latim, *circumincessio*” (PRESTIGE, 1977). A doutrina da “*circumincessio* recíproca das três Pessoas era muito antiga. Na realidade está na doutrina da identidade da *Ousía* divina, expressa em cada uma das pessoas (p.285).

Cirilo insistirá especialmente na unidade das divinas pessoas, fazendo muitos esforços em prol de uma explicação buscando exemplos fundados principalmente sobre o eixo da identidade da *ousía*, isto é, procedendo da unidade à pluralidade. Afirmava que o Filho pode ser uma única *ousía* com o Pai e, para dizê-lo de outra maneira, morar na identidade de natureza com aquele que o engendrou. Afirmava também que, assim como o Filho pertence à *ousía* paterna, assim também contém o Pai todo inteiro em si mesmo. Conforme afirma Cirilo, esta relação é consequência da

identidade da “ousia”. A Tríade Santa, diz ele, se entrelaça, formando uma única divindade por meio da identidade da *Ousia*(PRESTIGE,1977,p.285).

A princípio, Pseudo Cirilo usou o termo “Pericórese” como termo cristológico. Assinala, em uma passagem, que a divindade é o elemento que confere o Cristo como (o ungido) e que a humanidade é o elemento que recebe a unção. Pela unção se quer significar, continuamente, a *pericórese* da totalidade do crisma na totalidade do ungido: uma unção puramente superficial como a conferida a Ele pelo crisma, o fez um verdadeiro Cristo. Pressupõe-se que, em seu caso, o crisma da divindade penetrou sua humanidade. A *pericórese* chegou a ser, aos olhos desse escritor, um processo de unificação das duas naturezas do Senhor (PRESTIGE, 1977, p. 291).

Ao que parece, Pseudo Cirilo concebia uma penetração ou um recíproco estar das duas naturezas em uma e na outra, semelhante ao que Gregório de Nissa concebia a propósito das pessoas da Trindade, à semelhança das diferentes ciências que ocupam uma mesma consciência. As duas naturezas não estão confundidas senão que, cada uma ocupa a totalidade da mesma *hipóstasis*, assim também, empregando uma metáfora física, devem ser consideradas como interpenetrando-se mutuamente na realidade, visto que o processo de penetração é unilateral. E especialmente, como no caso de Cristo, nenhum dos dois elementos que estão num e no outro, são concebidos como realmente concretos, a metáfora resulta um pouco forçada e não profundamente iluminava para o problema cristológico. Querer afirmar que duas abstrações se interpenetram é pouco mais que jogo de palavras (p. 293).

A definição desejada era a da fórmula da *pericórese* ou *circumincessio* das três pessoas habitantes numa e na outra, única substância. Pseudo Cirilo enuncia audazmente a “*ousia*”. Continua, depois, explicando a compatibilidade de sua doutrina com a existência das três *hipóstasis*. Elas estão unidas, porém não se confundem. Cita o texto: “Eu estou no Pai e o Pai está em mim” (cf. Jo14,10) como prova de que as *hipóstasis* moram uma na outra e que o Filho reside no Pai, como palavra, sabedoria, poder, esplendor (p.294) de sentido do termo *pericórese* de uma “para a outra”, pelo termo na outra”( isto é , dentro da outra, uma está relacionada com a outra). Deixa de ser uma forma tradicional empregada na cristologia para se referir às três pessoas divinas (p.297).

Conforme L. Ott (1968, p.130-131), Gregório de Nazianzeno foi o primeiro a aplicar o termo *pericórese* na relação entre as duas naturezas de Cristo (*Perichoresis cristológica*). Porém, o autor parece ignorar o desenvolvimento do termo já feito por Pseudo Cirilo.

Gregório de Nissa afirma que na Trindade Santa não há diferença de honra e que a estrutura que diferencia o criado não pode se aplicar às pessoas divinas, já que a natureza divina é incognoscível e eterna (831-851). Gregório de Elvira, na metade do século IV, ao tratar sobre a essência divina apresenta as seguintes notas: a) incompreensibilidade, enfatizando que Deus não pode ser abarcado pelo espírito humano nem descrito com linguagens humanas, pois é incompreensível e inefável; b) a unicidade divina, afirmando que Deus é vivo verdadeiro e único; c) a incorporeidade, pois Deus é espírito, incorpóreo, simples e uniforme; d) eternidade, existe antes de todas as coisas, imortal, infinito, onipresente, invisível, imutável, indivisível, perfeito em tudo (p. 19-20).

## 2. A PERICÓRESE TRINITÁRIA NO PENSAMENTO DE JOÃO DAMASCENO

São João Damasceno (749), foi um teólogo cristão sírio que sintetizou as doutrinas dos Padres orientais da Igreja. Seu pai serviu em Damasco sob o califa muçulmano como um funcionário do Tesouro, um alto cargo. Cerca de 715 ele entrou para o mosteiro de São Sabas (Mar Saba) perto de Jerusalém, onde estudou teologia e foi ordenado sacerdote. Entre 726 e 730, o imperador bizantino Leão III emitiu decretos contra o culto das imagens. João tornou-se uma figura de destaque na defesa dos ícones da controvérsia iconoclasta.

João Damasceno (+749), primeira metade do século VIII, é um genial sintetizador da precedente Teologia Patrística grega, na qual encontramos como representantes: desde Orígenes (185-254) aos Padres Capadócijs (Séc. IV) relidos a partir de um cristocentrismo que emerge do aprofundamento do dogma de Calcedônia, em 451.

Damasceno apresentava a novidade do termo *pericórese*, ao utilizar em Cristologia e, em Teologia Trinitária para exprimir a compreensão sobre a natureza divina e a humana de Jesus, a relação de mútua existência das três pessoas divinas. Retomando alguns elementos de Irineu de Lião (135-140) e de Gregório Nazianzeno (330), sublinha com grande clareza: o permanecer e o residir uma na outra das três pessoas demonstra que um e idêntico é o movimento, o que não se pode notar na natureza criada (CODA, 2000, p. 203-207).

Damasceno tomou o termo de Cirilo e o usou frequentemente. Foi ele o maior divulgador da Doutrina da *pericórese*, empregando-a como termo técnico designando, tanto a compenetração das duas naturezas em Cristo como a compenetração entre si da Três Pessoas Divinas. A mútua imanência e união das três pessoas significa que são inseparáveis e não se distanciam, e que

possui uma interpenetração inconfusa não de modo que convergem e se misturam e sim estando unidas entre si (DAMASCENO, 1998, p.80-86).

Assim dizemos que o Filho está no Pai e no Espírito e que o Espírito está no Pai e no Filho e o Pai está no Filho e no Espírito, sem nenhuma mistura ou confusão. Um e idêntico é o movimento de ambas as pessoas. Pois o impulso das três pessoas é o mesmo, o que não se pode observar na natureza criada. Damasceno, enriqueceu o conteúdo da palavra na doutrina sobre a Trindade com a declaração cristológica de Calcedônia: inconfusa, imutável, indivisível, inseparável (DAMASCENO, 1998).

João Damasceno destaca quatro experiências fundamentais da tradição trinitária oriental. Em primeiro sentido a Monarquia, que significa que tudo provém e se centra no Pai, que aparece como princípio e núcleo da divindade. Em segundo sentido a Consustancialidade, o que apresenta as três hipóstases, compartilhando a mesma essência ou natureza divina. Em terceiro sentido, demonstra as distinções pessoais onde cada hipóstase tem sua propriedade particular, porém, as três existem relacionando-se entre si. Em quarto sentido, trata sobre a inabitação a *pericórese, ad intra* significando que as três hipóstases habitam umas nas outras, em movimento de Vida plena de maneira que sua unidade é de presença mútua (DAMASCENO, 1998).

No primeiro momento, Damasceno afirma que as três hipóstases da Trindade Santa estão em comunhão, por serem consustancias e incriadas. No segundo, diz que somente o Pai é ingênito por não receber a essência de nenhuma das outras duas hipóstases. As três *hipóstases* constituem um só Deus. A *pericórese* é fundamentalmente relevante para Damasceno resumir toda tradição ortodoxa anterior, demonstrando o mistério trinitário como co-habitação, coeternidade, coexistência das pessoas divinas. Cada pessoa contém a unidade tanto por sua relação com as outras como por sua relação consigo mesma (PIKAZA, 2005, pp.161-163).

Damasceno, afirma que o Pai é o sol super essencial, fonte de bondade, abismo de essência, de inteligência, de sabedoria, de poder, de luz, de divindade, fonte generante e que o Filho é potência do Pai, virtude primordial da criação de todas as coisas, e o Espírito é potência do Pai porque revela o segredo da divindade, e que o Espírito realiza a consumação da criação (PIKAZA, 2005, pp.163-164).

É possível afirmar que Damasceno, ao herdar a tradição de séculos sobre a elaboração da doutrina trinitária, escreve sobre a Trindade com fórmulas existentes, porém, com clareza e

precisão. A respeito da substância, apresenta não raras repetições referente à clarificação entre a unidade e substância divina com identidade de atributos e operações e a tríade de *hipóstasis*. Do seu ponto de vista, há uma coexistência em um ser único, somente diferenciam-se por caráter individual da pessoa:

Todo ser racional reconhece e adora com uma só adoração, crer e venera, a única substância, única divindade, único poder, única vontade, única operação, único princípio, única autoridade, único senhorio, único reinado, e m três hipóstases perfeitas; porque estas estão unidas sem confusão, e são distintas sem separação (GONZÁLES, 1996, p. 223).

O que se distingue em Deus, onde a unidade do ser é real e, por isso, as três pessoas possuem uma única substância de onde deriva a unicidade de operações e atributos.

Tratando-se da Santa, eminente, superior a todos os seres e incompreensível Trindade, nela se contempla o que é uno e comum, na realidade mesma, já que as pessoas participam conjuntamente da mesma eternidade, substância, operação, vontade, comunidade de pensamento, autoridade, poder e bondade. Não se fala de semelhança e sim de identidade, assim como uno é o impulso e o atuar (GONZÁLES, 1996, p. 223).

Após clarificar o conceito de *substância*, Damasceno esclarece que Deus existe em três *hipóstases*, demonstrando que a Trindade não é composta de três, onde cada um seria incompleto, mas Deus é uno e existe em três subsistentes. Demonstra a raiz mesma da absoluta unidade divina. Ele, sendo Deus cada uma das três pessoas de forma idêntica às outras duas, se distinguem entre si só pelas relações de origem: "O Pai, o Filho e o Espírito santo são co-iguais na substância, exceto o ser ingênito, gerado e expirado. Somente nessas propriedades pessoais se distinguem entre si as três hipóstases"(DAMASCENO, p.225).

Ao ser traduzida a Obra de João Damasceno por Burgúndio de Pisa, a expressão passou à Teologia Ocidental, à versão latina de *Circuminessio*. Desta, passou, mais tarde, à palavra *Circuminsessio*. A primeira respeita claramente a idéia da compenetração ativa, a segunda, ao de estar ou *in-existir* passivo (*inese*) A primeira responde mais ao ponto de vista teológico grego, a segunda ao ponto de vista da Teologia latina (SILVA,1996).

Burgúndio de Pisa, no Século XII, traduzido o conceito de *Pericórese* como o termo *circuminessio*-penetração recíproca, a expressão foi utilizada pouco a pouco também na doutrina trinitária da Idade Média. No âmbito francês, a mesma palavra *circuminessio* (prompt) foi traduzida por *circuminsessio* (inhabitação recíproca). Não deixa de ser

significativo que os teólogos franciscanos da época seguinte empregassem mais a forma dinâmica da *circuminessio* = (Caminhar ao redor) . Porém, Enrique de Gant (+ 1284) e depois o dominicano Dourando de Porciano (+1334) preferiram a fórmula francesa mais estática de *circuminessio* (Sentar-se ao redor) (SILVA, 1996).

Na concepção trinitária grega, a *pericórese* tem um papel mais amplo que entre os latinos. Na concepção grega o ponto de partida é o Pai; a vida divina flui do Pai como monarquia divina, origem, princípio para o Filho, e por meio do Filho ao Espírito Santo. Acentuando a compenetração mútua das três pessoas divinas, salva a unicidade da substancia divina. Já a concepção latina parte da unidade da substância divina e explica como esta, pelas processões divinas imanes, se manifestam em Trindade de Pessoas (BOFF, 1987).

Aparece então, em primeiro termo, a idéia de consubstancialidade. É possível dizer que por *pericórese* trinitária *Circuminessio*, e mais tarde *Circuminessio*, “entendemos a mútua compenetração e inhabitação das três pessoas Divinas entre si” (OTT,p. 130).

### 3. A RELEVÂNCIA DA PERICÓRESE TRINITÁRIA NO MUNDO ATUAL

Jürgen Moltmann, ao desenvolver uma doutrina social da Trindade, ao utilizar o termo *pericórese* dá uma grande contribuição no campo da teologia ética e política, ao nos propor que uma verdadeira teologia política contraria qualquer monoteísmo político. A comunhão trinitária tem como consequência uma comunidade na qual as pessoas são definidas por suas relações mútuas e suas significações recíprocas, e não pelo poder. Todos vivem, assim, o dinamismo comunitário da Trindade na História Salvífica, construindo o reino de liberdade na comunidade humana (MOLTMANN, 1980, p. 197-200).

Moltmann aproxima a doutrina da casa (*Oikos- logus*, ou seja, ecologia) a doutrina da criação, uma vez que Deus habita a sua criação e as suas criaturas na forma de Espírito, habitando-as no ato de criar e descansar. A transcendência torna-se imanência e sua imanência está na encarnação. Em segundo lugar, esta via, opõe-se à relação unilateral de domínio, inerente à condição de um Deus monoteísta, rigidamente transcendente, incomunicável, dando lugar a um Deus-Trindade em sua *pericórese* amorosa solidário com sua criação. Partindo deste pressuposto, Moltmann desenvolve uma doutrina ecológica da criação denotadora de caráter messiânico do futuro. Em terceiro lugar, vem a perspectiva escatológica da criação vista como processo (MOLTMANN, 1980).

Boff nos oferece o mais completo sentido da expressão *pericórese* quando nos diz que esta possui dupla significação. Em primeiro lugar, segundo ele, *pericórese* significa *conter um ao outro*, inabitar (morar no outro), estar no outro. Este primeiro significado foi traduzido pelo latim medieval por *circuminsessio* – uma palavra derivada de *sedere*, *sessio*, que significa sentar, ter sua sede. Aplicada ao mistério da Trindade em sua comunhão significa uma pessoa estar em relação com a outra, envolver a outra por todos os lados (*circum*), ocupar o mesmo espaço que a outra, enchendo-a com sua presença.

O segundo significado de *pericórese*, quer dizer interpenetração e entrelaçamento de uma pessoa na outra e com a outra. Esta compreensão quer expressar o processo de relacionamento vivo e eterno que as divinas pessoas possuem intrinsecamente, fazendo com que cada uma penetre sempre na outra. Este sentido foi traduzido em latim por *circumincessio* derivado de *incedere* que quer dizer permear, compenetrar e interpenetrar (Boff, pp.171). Ainda no pensamento boffiano, o termo *pericórese* é aplicado tanto na dimensão social, cultural quanto eclesial, o que permite grande relevância do termo para a vida humana e cósmica.

Trata-se de resgatar a imagem do Deus-comunhão. Ligado a essa realidade, recuperam-se as relações de igualdade entre homens e mulheres superando o paternalismo e o patriarcalismo. Portanto, “a fé na Santíssima Trindade é um corretivo aos desvios e uma poderosa inspiração para bem viver no mundo e nas Igrejas». Para encetar essa reflexão, tem-se, como referências simbólicas da história, a pessoa humana, a sociedade a Igreja e o cosmo. Todavia, a experiência de desintegração da Trindade é para ser verificada nos níveis político e religioso. No nível político, a humanidade, e sobretudo os pobres viveram experiência de sistemas autoritários, ditaduras, concentração e abuso do poder. A reflexão sobre ecologia como um novo paradigma vem sustentada na dinâmica da complexidade pericorética trinitária.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O termo *pericórese* aplicado à Teologia Trinitária pressupõe uma absoluta paridade ontológica entre as três pessoas divinas, mas também se refere à doação recíproca que as três Pessoas fazem de todo o próprio ser. *Pericórese* expressa a efusão do próprio ser em circulação total de tudo que cada pessoa possui. A doação total do Pai ao Filho e do Filho ao Espírito Santo,

retornando completamente do dom do donatário ao doador se reencontra no amor, porque tanto o dar e o doar-se pertencem ao amor. Por isso, a *pericórese* é fruto do amor.

Percebe-se que na doação agápica tem lugar uma comunicação que não priva o doador do próprio dom, ao contrário, à medida em que se faz dom do próprio ser ao outro, seu mesmo ser permanece em si mesmo num derramamento eterno. O transbordamento agápico entre as pessoas divinas é completo, salvaguardando a peculiaridade de cada pessoa. O Pai é aquele que oferece seu dom, o Filho é aquele que recebe, e o Espírito Santo aquele que mantém salva e permanente doação.

Dessa forma, o Pai é tudo no Filho, tudo no Espírito Santo, assim como o Filho é tudo no Pai e no Espírito Santo, e o Espírito tudo no Pai e no Filho o que constitui a dinâmica pericorética eterna. Cada pessoa encontra-se inteiramente na outra. É o abraço eterno dos três eternos amantes. Na *pericórese* agápica se realiza a perfeita circularidade da vida divina. O círculo do amor é completo em Deus mesmo, e quando se abre na revelação para fora de si o faz por amor, por livre vontade e não como efusão natural do amor fontal. É possível dizer que graças a *pericórese* os três amantes eternos dançam conjuntamente com alegria inefável a eterna dança do próprio amor sem reserva, todo oceano de amor aquece eternamente o coração do Pai ao Filho e ao Espírito Santo.

Portanto, penetrar na *pericórese* divina da vida, do amor, da glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo é o grande dom que a Trindade econômica fez à humanidade. Isso constitui o objetivo primordial e o principal empenho da vida humana. A *pericórese* tem trazido grande contribuição ao longo da história no que tange sua aplicação à práxis libertadora dos pobres e à superação dos mecanismos de opressão. A *pericórese*, como o que melhor define a comunhão imanente e econômica da Trindade, nos possibilitará a maior integração das relações tanto em âmbito antropológico quanto sócio-ecológico-cultural.

O termo *pericórese* oferece à Teologia a possibilidade de contribuir com uma linguagem capaz de dialogar com a atualidade contemporânea pelo fato de exprimir que Deus, em seu dinamismo trinitário, é uma realidade inclusiva de unidade e comunhão. É fundamental na abertura ao diálogo com outros saberes, religiões e experiências diversificadas da própria fé no interior de distintas culturas. O conceito de “*pericórese*” elimina todo e qualquer subordinacionismo na doutrina trinitária. É certo que a Trindade se constitui a partir do Pai compreendido como a fonte da divindade. Porém, esta monarquia do Pai é válida só para a constituição da Trindade,

não para expressar o círculo eterno da vida e nem a união pericorética da Trindade em que as três pessoas são iguais: vivem e se manifestam umas nas outras e mediante as outras.

Atualmente também o papa Francisco através do conceito de relações, resgata na *Laudato Si*, em sua arquitetura a circularidade onde os princípios não apenas circulam no imaginário abstrato da consciência ecológica de uma cidadania ambiental emergente (LEFF,2006. p.266), mas através de uma práxis de inclusão da totalidade da Casa Comum. Isso pressupõe a Trindade por modelo. A comunhão trinitária não constitui um círculo fechado, mas aberto para a criação.

## REFERÊNCIAS

- BOOF, L. **A Trindade e a Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1987. (2013).  
\_\_\_\_\_. **A Trindade é a melhor comunidade**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- CIRILLO DE ALESSANDRIA. **Dialoghi sulla trinità**. Roma: Città Nuova, 1992.
- CODA, Piero. **Dalla trinità: l'avvento di Dio tra storia e profezia**. Roma: Città Nuova, 2011.  
\_\_\_\_\_. **Dios uno y trino: revelación, experiencia y teología del Dios de los cristianos**. Salamanca: Ágape, 2000.
- DAMASCENO, G. **La fede ortodoxa**, Roma, Città Nuova, 1998.
- GONZÁLEZ, C. Ignacio. **El Espiritu Santo en los padres griegos**. Mexico: CEM, 1996.
- GREGORIO DE ELVIRA. **Tratados sobre los libros de las santas escrituras**. Madrid: Ciudad Nueva, 1997.
- GREGORIO DI NISSA. **Opere dogmatiche**. Milano: Bompiani, 2014.
- GREGORIO NAZIANZO. **Tutte le orazioni**. Milano: Bompiani, 2000.
- MOLTMANN, Jürgen. **Trindade e reino de Deus: uma contribuição para a teologia**. Petrópolis: Vozes,2000.
- MORESCHINI, C. **I padri Cappadoci: storia, letteratra, teologia**. Roma: Città Nuova, 2008.
- MONDIN, Batista. Tertuliano, in **Dizionario dei teologi**. Bologna: ESD, 1992.  
\_\_\_\_\_. **La trinità mistero d'amore**. Bologna: ESD, 1993.
- OTT, L. **Manual de teologia dogmática**. Barcelona: Herder, 1969.
- PIKAZA, Xabier. **Enchiridion Trinitatis: textos básicos sobre de los cristianos**. Salamanca: Secretariado Trinitario,2005.  
\_\_\_\_\_. **Dios como Espiritu y persona**. Salamanca: Koinonia,1989.
- PRESTIGE, J.L. **Dios en el pensamiento de los padres**. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1977.

SILVA. F. Maria., O princípio trinitário das relações e a complexidade ecológica, in **Revista eletrônica Ciência da Religião-História e Sociedade**, vol. 04, n. 04/2006 – da Universidade Presbiteriana Mackenzie. PP. 40-58.

\_\_\_\_\_. Sobre o termo pericórese, in **Revista de Cultura Teológica**, vol. 14. n. 04. 1996. Faculdade de Teologia N. Sra. da Assunção São Paulo-SP. pp. 19-38.